

Racionalismo

- Destaca-se o nome de R. Descartes (séc. XVII);
- Os racionalistas questionam e examinam a validade do conhecimento que temos do mundo;
- Perguntam acerca da sua origem ou fundamento;
- Têm a pretensão de encontrar um conhecimento verdadeiro e não apenas provável; procuram, por isso, um conhecimento válido para todos e para sempre – universalmente válido

Para chegar a esse conhecimento universalmente válido, Descartes levanta três hipóteses:

- a) os sentidos são enganadores;
- b) o argumento do sonho;
- c) a hipóteses do Deus maligno ou enganador.

Descartes parece querer exagerar na desconfiança para verificar se é mesmo evidente e indubitável o que pensamos conhecer – **dúvida metódica**.

O seu cepticismo inicial é metódico, porque é visto como uma estratégia para por a prova a validade de todo o conhecimento, na tentativa de encontrar uma certeza. Descartes não é um filósofo céptico e acabará por admitir que o mundo existe e que podemos conhecê-lo se soubermos usar a forma de conhecimento que entende como adequada – o **conhecimento racional**.

EXISTIRÁ ALGUMA COISA DA QUAL POSSAMOS TER A CERTEZA?

Se acreditar que tudo o que penso conhecer não é senão um sonho ou ficção produzida por um Deus maligno, restará alguma coisa segura que nem o sonho nem esse deus possam transformar em falso?

Pode ser que não exista nenhuma das coisas que os meus sentidos me mostram, pode ser que o meu corpo não exista; porém, mesmo que toda a minha experiência e conhecimento sejam resultado da acção de um deus maligno que me engana, o próprio facto de estar a ser enganado demonstra que existo, pois se não existisse não poderia ser enganado. **Se duvido, se sonho, se estou a ser enganado, devo existir para poder duvidar, sonhar e ser enganado.**

↓
PENSO, LOGO EXISTO (COGITO, ERGO SUM)

Como podemos prosseguir?

Entre as ideias nele existentes, Descartes descobre a ideia clara e nítida de um **ser perfeito**. Qual a origem desta ideia? Só pode vir de um ser perfeito o qual não pode ser apenas uma ideia, mas deve existir como ser autónomo.



- Este ser não pode ter vindo dos sentidos, pois um tal ser não é visível;
- Não pode ter origem em nós mesmos, pois somos imperfeitos;
- Tem de ser uma ideia inata que foi posta em nós por esse tal ser perfeito;
- Implica a sua existência por não ser possível ter uma ideia de um ser com tão grande perfeição e tal ser não existir. Um ser perfeito não seria perfeito se não existisse; é que uma das qualidades fundamentais da perfeição é, segundo Descartes, a existência.

Descartes chega, assim, a **duas verdades**:

1. **existe o eu pensante (o cogito);**
2. **existe Deus, um ser perfeito.**

E o mundo existe? Como podemos ter a certeza de que não se trata de um sonho ou de uma simulação produzida por um deus maligno? Descartes responde:

O mundo existe, pois Deus, ao contrário de um génio maligno, não nos engana quando avaliamos a realidade material a partir de relações matemáticas quantificáveis. Deus torna-se a garantia de que tudo aquilo que conhecemos com a razão corresponde a algo realmente existente.

Conhecer com a razão é conhecer as relações matemáticas, o que pode ser medido – comprimento, largura e profundidade. Propriedades quantitativas ou primárias dos corpos, apreendidas pela razão de forma tão clara e nítida como a apreensão da ideia de cogito ou eu pensante.

As propriedades qualitativas ou secundárias – cor, cheiro, sabor - estão relacionadas com os sentidos e, por isso, devem ser rejeitadas do domínio do conhecimento verdadeiro.

Para Descartes, o verdadeiro conhecimento procede da razão; e sendo a matemática a disciplina por excelência, só o procedimento matemático, aplicado aos outros domínios, nos permitirá conferir certezas a conhecimento. Assim, o ponto de partida deve ser a intuição racional que nos permite obter verdades universais absolutas e, depois, deduzimos delas outras verdades menos gerais.

Importância do racionalismo	Limitações do racionalismo
<p>* Chama a atenção para a importância da razão que não pode ser encarada como uma actividade de mera combinação dos dados perceptivos.</p> <p>* Assume uma perspectiva crítica face à validade do conhecimento e procura a sua justificação racional.</p>	<p>* Faz da razão a única fonte do pensamento verdadeiro, ignorando o papel e a importância dos sentidos.</p> <p>* Admite a possibilidade de conhecer a realidade por via racional, caindo no dogmatismo.</p> <p>* Infere a existência do mundo real a partir das ideias.</p>

Empirismo

De onde podemos tirar as nossas ideias e opiniões acerca do mundo? David Hume considera que todas as nossas ideias derivam da **experiência**, isto é, de um conjunto de **sensações** ou **impressões** que recebemos na **consciência**.

Ex.: quando como uma maçã, recebo uma série de impressões: que é verde, suculenta, tem sabor ácido... Estas impressões reúnem-se num conjunto, formando uma impressão complexa «maçã». Além disso, temos uma recordação dessa impressão – a ideia de maçã. Passa-se o mesmo com as ideias complexas – conceitos – que possuímos. **Qualquer ideia tem origem numa impressão e deve poder relacionar-se com a impressão correspondente.**

- * impressões simples (sensações);
- * impressões complexas – reunião de impressões simples;
- * ideias – recordação da impressão;
- * ideias complexas – conceitos (combinação de ideias).

Segundo o empirismo, as nossas ideias e opiniões acerca da realidade provêm dos sentidos. O conhecimento da realidade exterior tem uma origem sensorial. E nada passa pela mente que não tenha primeiramente passado pelos sentidos.

A nossa razão pode juntar ideias resultantes de diferentes impressões e construir uma ideia composta ou complexa de algo que não existe. Mas todos os elementos que constituem essa ideia começaram por ser impressões/sensações.

Hume examina as nossas ideias complexas para:

- a) Determinar as ideias simples que as constituem;
- b) Verificar se essas ideias simples têm ou não impressão correspondente;

c) Decidir se são ideias falsas de coisas que não existem na realidade, por não terem fundamento numa impressão correspondente.

Exemplos apresentados por D. Hume:

1. Ideia de Cavalo Alado – resulta da combinação da ideia de cavalo e da ideia de animal com asas. Estas ideias têm impressões correspondentes, mas não há nenhuma correspondente à de cavalo alado. É uma ideia falsa por não existir nenhuma experiência sensorial desse animal.

2. Ideia de Deus – haverá alguma impressão correspondente? Se não há, a ideia de Deus é apenas uma criação da razão a partir de ideias como «inteligência», «bondade», «sabedoria». Se não tivéssemos experiência destas ideias não as poderíamos moldar na nossa consciência, nem a própria ideia de Deus, que é uma combinação destas. Mas enquanto para aquelas tenho uma ideia correspondente, para a ideia de Deus não, logo é uma criação ilusória da razão.

3. Ideia de Causalidade – quando temos a experiência de duas coisas que se sucedem sempre uma à outra, concluímos que uma deve ser a causa ou a razão de ser da outra. Consideramos esta lei uma regra do funcionamento da natureza.

Mas será que podemos afirmar de facto que existe uma lei da causalidade? Só se houver uma impressão que lhe corresponda. Só podemos ter impressões dos fenómenos e da ordem da sua sucessão temporal e não da conexão que, porventura, possa existir entre um e outro. O que a experiência nos mostra é que um determinado fenómeno se segue muitas vezes a um outro. Mas não temos impressão alguma que nos diga que vai ser sempre assim, isto é, que a relação entre eles é necessária ou de causalidade.

Para Hume a lei da causalidade

- a) resulta da confusão entre sucessão cronológica e correlação causal necessária;
- b) não pode ser afirmada como tendo existência real para além da nossa consciência.

4. O fundamento da indução - confundimos a expectativa psicológica baseada nas impressões sensoriais, com uma certeza lógica de que aquilo que aconteceu de um certo modo num determinado número de casos observados irá sempre acontecer.

- Ora, com base na indução, apenas podemos esperar que as nossas conclusões gerais sejam confirmadas por novas impressões;
- Nunca podemos ter a certeza, pois uma única nova impressão pode invalidar as nossas expectativas e demonstrar que não eram adequadas aos factos.
- A generalização é sempre um salto no desconhecido.

O empirismo propõe por isso:

Análise comparativa de duas teorias explicativas do conhecimento – filosofia 11º ano

- uma perspectiva crítica, rejeitando a atitude dogmática, própria do realismo do senso comum;
- examina e rejeita a verdade de muitas das nossas ideias;
- adopta uma atitude céptica – não um cepticismo radical, mas um cepticismo moderado ou probabilismo.